

Um convite sempre aberto. A vocação no Opus Dei

Cada santo é um projeto de Deus para levar o Evangelho ao seu próprio tempo. Que aspetos da vida de Jesus desejam encarnar os fiéis do Opus Dei?

22/04/2021

Quando aquele rei se dirigiu aos convidados para o casamento do seu filho, pensou que estava a escrever a amigos e pessoas próximas dele, que teriam todo o gosto em desistir do

que quer que estivessem a fazer para partilhar com ele a alegria do momento. Mas estava errado. Como o texto do Evangelho observa laconicamente: «Não quiseram comparecer» (Mt 22, 3). Pareceu ao monarca que deve ter havido um mal-entendido, pelo que enviou uma nova mensagem aos convidados, desta vez mais clara: «O meu banquete está pronto; abateram-se os meus bois e as minhas reses gordas; tudo está preparado. Vinde às bodas» (v. 4). No entanto, a resposta foi ainda mais dolorosa (cf. v. 5-6). Esta parábola de Jesus é semelhante à parábola dos vinhateiros, que S. Mateus coloca um pouco antes no seu Evangelho (cf. Mt 21, 33-40). Embora em ambas as ocasiões o Senhor se dirigisse às autoridades de Israel, as Suas palavras continuam a ressoar ao longo da história. Em que sentido fomos também convidados para o casamento do filho do Rei ou

para trabalhar numa vinha? Que nos quer dizer Jesus com estas palavras?

Talvez com estas histórias queira simplesmente recordar-nos que a nossa existência adquire todo o seu significado na medida em que a nossa relação com Deus, a nossa realidade filial e o nosso apelo a transformar o mundo à imagem do Seu amor permanecem vivos e presentes. Desta forma, encoraja-nos a manter «com juventude de alma» a consciência e a responsabilidade pelo dom que recebemos^[1]. Como não somos melhores do que as pessoas que ouviram Jesus, o risco de cair no comportamento descrito nas parábolas afeta-nos também a nós. E vice-versa: a grandeza que a possibilidade de viver como filhos de Deus nos abre, merece que renovemos o nosso desejo de manter a nossa resposta de amor sempre jovem.

O que a Obra recorda

Em *Gaudete et exsultate*, o Papa recordou que «cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho»^[2]. Nesse sentido, S. Josemaria dizia que a mensagem do Opus Dei é «velha como o Evangelho, e como o Evangelho, nova»^[3], pois apenas recorda algo que já está presente na vida e na mensagem do Senhor. Na realidade, todos os cristãos são chamados a refletir Jesus Cristo, tornando-O presente no mundo; esta é a obra do Espírito Santo na alma e na Igreja (cf. 2Cor 3, 18). No entanto, a vocação de cada um de nós pode levá-lo a «reproduzir na própria existência diferentes aspetos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da Sua doação por amor»^[4]. Assim, cada santo – e,

em última análise, cada cristão é «uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo»^[5].

Que aspetos da vida de Cristo desejam os fiéis do Opus Dei encarnar nas suas vidas? Qual é a mensagem que o Paráclito quer recordar aos seus contemporâneos? O centenário da Obra é uma boa oportunidade para fazer estas perguntas e aprofundar o que Deus quer dizer ao mundo através da mensagem da Obra, dirigida também a pessoas e lugares que talvez nunca tenham ouvido falar dela.

Numa tentativa de explicar a luz que S. Josemaria recebeu em 2 de outubro de 1928, alguns artistas utilizaram o recurso de relacioná-la com a oficina em Nazaré, o lugar onde Jesus e José trabalharam e passaram os Seus dias. De facto, com a mensagem da Obra o Espírito Santo

lembra a todos que os cristãos são chamados à união com Deus na vida habitual, que o Senhor vem procurar-nos a todos e que, por esta mesma razão, o mundo é um lugar, mais ainda, um meio de santificação. Tal como em Belém, no Egipto e em Nazaré o céu e a terra estavam unidos, assim nos lugares onde a nossa existência se desenrola podemos encontrar Deus e reconciliar a Sua criação com Ele. S. Josemaria escreveu numa das suas cartas: «Viemos para santificar todo o trabalho humano honesto: trabalho habitual, precisamente no mundo, de forma laical e secular, ao serviço da Santa Igreja, do Romano Pontífice e de todas as almas»^[6].

Como desenvolvimento dessa luz, o Senhor mostrou a S. Josemaria outros pontos que seriam centrais para a vida dos fiéis da Obra. O chamamento de todos à santidade e a missão de inflamar o mundo com o

amor de Deus teria como pedra angular o trabalho, o sentido da filiação divina como fundamento, e a Missa como centro e raiz. O Opus Dei apresentou-se como uma pequena parte da Igreja que nada mais queria do que servi-la, no mundo e através das realidades do mundo. «Mais de uma vez comparei a nossa missão, seguindo o exemplo do Senhor, com a do fermento que, de dentro da massa, a fermenta até se tornar um bom pão»^[7]. Assim, os fiéis da Obra sabem que são chamados por vocação divina a levar a Deus o mundo em que vivem. O caminho não é outro senão o de Nazaré: trabalho bem feito, serviço aos outros, cuidado com o povo que Deus coloca perto de nós, preocupação com a realidade em que vivemos e que amamos. Com simplicidade e naturalidade, sabendo que somos os destinatários de um chamamento que abraça toda a nossa existência.

Um chamamento que move toda a vida

Algumas das características mais próprias da vida na Obra só podem ser compreendidas quando consideramos que se trata de um fenómeno vocacional, ou seja, que fazer parte do Opus Dei não é fruto de uma iniciativa humana, de uma ideia feliz ou de um compromisso generoso, mas, em primeiro lugar, de um chamamento divino. De uma forma ou de outra, e com maior profundidade com o passar dos anos, descobrimos «este chamamento divino, que acende em nós o desejo de procurar a perfeição no meio do mundo»^[8]. Então permitimos que Jesus tome posse da nossa alma. Com a graça de Deus, os nossos desejos são gradualmente identificados com os Seus, até que podemos dizer que vivemos apenas *por amor* – porque nos move saber-nos amados por Deus – e *para amar* – porque estamos

conscientes de que Ele conta connosco para que o Seu amor possa chegar a muito mais pessoas.

A vida de qualquer membro da Obra pressupõe, portanto, um «encontro vocacional pleno», de tal forma que «o Opus Dei está inserido em toda a nossa vida»^[9]. Neste sentido, como fenómeno vocacional, é algo diferente de uma associação, que requer uma dedicação que se limita a uma série de atividades ou reuniões. Por outro lado, é também diferente do que seria mais adequado a uma consagração especial, que implicaria a aquisição de um estatuto público na Igreja distinto do dos outros fiéis comuns. Trata-se antes de fazer de *toda a nossa vida* uma descoberta contínua d'Aquele que nos chama, e uma resposta alegre – sempre criativa e cheia de amor – à Sua chamada.

Ora bem, como é que uma pessoa apaixonada reage quando se trata de fazer feliz a quem ama? Ou, visto de outra forma, como é que alguém se compromete com uma missão que considera a coisa mais importante na sua vida? Se nada o move mais fortemente do que ser capaz de atender a essa pessoa, a essa missão, dá tudo de si com iniciativa, com espontaneidade. Assim, não se trata de «fazer cada vez mais coisas ou cumprir certas normas que estabelecemos para nós próprios como tarefa»^[10]; nem é uma questão de «colaborar em certas tarefas ou nos trabalhos corporativos de apostolado»^[11]. Logicamente, a chamada também pode ser vivida desta forma, mas é importante não perder de vista que o essencial «é a correspondência ao amor de Deus»^[12], algo que não tem forma fixa e que, ao mesmo tempo, pode dar forma a tudo o que fazemos.

S. Josemaria explicava que o caráter abrangente do sentido vocacional da vida conduz à experiência da unidade de vida, que tem a ver com a origem e o fim das nossas ações: «Uma unidade de vida que tem simultaneamente duas facetas: a interior, que nos torna contemplativos; e a apostólica, através do nosso trabalho profissional, que é visível e exterior»^[13]. Trata-se, pois, de procurar o Senhor em tudo o que fazemos, de pô-l'O «como fim de todos os nossos trabalhos»^[14], e de procurar aproximar o Seu amor daqueles que vivem perto de nós, ocupando-nos com eles, preocupando-nos com eles, e servindo-os nas diferentes circunstâncias em que nos encontramos. Este mesmo desejo levar-nos-á, por vezes, a embarcar em projetos de todos os tipos, de mãos dadas com outros membros da Obra, com outros cristãos ou com

pessoas que simplesmente partilham connosco o desejo de transformar o mundo à imagem de Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem.

Com a flexibilidade de um músculo

É característico dos fiéis do Opus Dei agir sempre em plena liberdade, «porque é próprio da nossa peculiar vocação divina santificar-nos, trabalhando nas tarefas comuns dos homens segundo os ditames da nossa própria consciência, sentindo-nos pessoalmente responsáveis pelas nossas atividades livremente escolhidas, dentro da fé e da moral de Jesus Cristo»^[15]. Foi assim que os membros da Obra o entenderam desde o início, com iniciativas de todo o tipo, desde o mundo das finanças ao mundo do lar, desde a agricultura à educação ou à comunicação. Todos eles têm, de alguma forma, a sua inspiração na mensagem do Opus Dei e, no entanto,

não pertencem a ele, nem estão organizados por ele, mas por cada uma das pessoas que os promovem.

De facto, o principal apostolado da Obra é «o da amizade e da confiança, realizado pessoalmente por cada um»^[16]. Isto tem algumas consequências que tocam de muito perto o modo de ser próprio dos fiéis do Opus Dei e do seu trabalho evangelizador. Em primeiro lugar, diz-nos que todos vivem a sua entrega «com igual dedicação», uma vez que «a vocação e a missão correspondente abrangem toda a nossa vida»^[17]. Assim, somos todos igualmente relevantes, somos todos corresponsáveis pela missão comum a partir do lugar e tarefa em que nos encontramos.

Esta realidade constitui um apelo contínuo ao coração de cada um de nós, conscientes de que «Deus pede que o zelo apostólico encha os nossos

corações, que nos esqueçamos de nós próprios para nos preocuparmos - com sacrifício voluntário - com toda a humanidade»^[18]. Esta é, aliás, a nossa maior fonte de alegria, pois «nada pode produzir maior satisfação do que trazer tantas almas à luz e ao calor de Cristo»^[19].

Abordaremos os outros com a atitude de amizade de quem vê em cada pessoa um filho de Deus, uma filha de Deus, mesmo que talvez nem todos estejam conscientes da sua condição; «pessoas a quem ninguém ensinou a valorizar a sua vida comum», a quem, pelo nosso exemplo e pela nossa palavra, tentaremos descobrir «aquela grande verdade: Jesus Cristo preocupou-se connosco, mesmo dos mais pequenos, mesmo dos mais insignificantes»^[20].

Por outro lado, que o principal apostolado seja o pessoal, torna difícil quantificar o trabalho

evangelizador do Opus Dei, ou a sua repercussão no conjunto da missão da Igreja. É uma revolução silenciosa que procura mudar a face dos locais de trabalho, das cidades, de sociedades inteiras, sem ruído nem aparato. S. Josemaria regozijava-se ao contemplar «uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias»^[21].

Finalmente, esta característica do seu próprio apostolado significa que o Opus Dei é necessariamente uma *desorganização organizada*. Haverá logicamente um mínimo de estrutura, que terá a ver com a formação que os seus fiéis precisam para manter viva a sua resposta de amor a Deus e a cada pessoa no meio do mundo. A ênfase na

espontaneidade e iniciativa deve-se ao facto de sermos todos corresponsáveis, ou, como o Prelado do Opus Dei nos lembra na sua última carta, «todos nós temos a Obra nas nossas mãos»^[22]. Na realidade, todas estas características, próprias da Obra tal como Deus a deu a S. Josemaria, constituem para nós, ao mesmo tempo, um presente pelo qual temos de estar gratos, um tesouro em que podemos sempre mergulhar para nos regozijarmos e ficarmos cheios de gratidão, e uma tarefa de cuja realidade somos, por um chamamento divino, responsáveis.

[1] cf. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 2.

[2] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 19.

[3] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 91.

[4] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 20.

[5] *Ibid.*, n. 21.

[6] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 2a.

[7] S. Josemaria, *Carta* 1, n. 5b.

[8] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 8b.

[9] S. Josemaria, *Carta* 31, n. 11.

Citado em Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 8.

[10] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 6.

[11] *Ibid.*, n. 8.

[12] *Ibid.*, n. 7.

[13] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 14a.

[14] *Ibid.*, n. 15a.

[15] *Ibid.*, n. 43d.

[16] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 5.

[17] *Ibid.*, n. 8.

[18] S. Josemaria, *Carta 1*, n. 22a.

[19] *Ibid.*, n. 22c

[20] *Ibid.*, n. 22c.

[21] S. Josemaria, *Entrevistas com o Fundador do Opus Dei*, n. 71.

[22] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 27; cf. *Entrevistas com o Fundador do Opus Dei*, n. 19.

Lucas Buch

opusdei.org/pt-pt/article/um-convite-sempre-aberto/ (27/01/2026)